



Pesquisa, Teoria e Metodologia

Educação Sobre Drogas na Perspectiva da Saúde Coletiva

Education About Drugs from the Collective Health Perspective

Elda de Oliveira¹

Cassia Baldini Soares²

¹Doutoranda em Cuidado em Saúde, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), SP - Brasil

²Professora Associada, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), SP - Brasil

RESUMO - A educação sobre drogas direcionada aos jovens pela mídia é geralmente realizada sem a participação dos grupos a que se destinam, considerados audiências, e acompanha os cânones da guerra às drogas, ou seja, do paradigma dominante na área de educação/prevenção de drogas. O objetivo deste estudo é problematizar a educação sobre drogas direcionada aos jovens pela mídia e propor transformações na direção da participação efetiva dos jovens no desenho de programas de mídia que discutam as drogas. O marco teórico de referência considera os fundamentos da Saúde Coletiva e agrega estratégias da Educomunicação, considerados campos de convergência. A problematização foi realizada através da bibliografia na área, que, como nas demais áreas que atuam na educação/prevenção de drogas, acena na direção do dogmatismo e terrorismo. A Saúde Coletiva e a Educomunicação são campos coerentes entre si no que tange à preocupação de tomar em consideração o que os jovens têm a dizer, considerando no processo educativo suas experiências e necessidades, tomando os jovens, portanto como sujeitos políticos capazes de realizar práticas criativas e de transformar sua compreensão das realidades microsociais e na luta por melhores condições de trabalho e vida, condição fundamental para a transformação da realidade.

Palavras-chave: Educomunicação; Saúde Coletiva; Educação; Consumo de Drogas.

ABSTRACT - Drug education directed at youth through the media is usually performed without the participation of the intended groups, of which are considered audiences, and follows the canons of war on drugs, that is to say, the dominant paradigm in Education/drug prevention's field. The aim of this study is to discuss drug education directed at young people in the media and to propose changes in the direction of effective participation of young people in the design of media programs to discuss drugs. The theoretical referential milestone considers the Collective Health fundamentals, and attaches strategies from Educommunication, where are considered convergence fields. The questioning was conducted through bibliographic literature in the field, which, as in other areas that work in education/drug prevention, waving toward dogmatism and terrorism. The Collective Health and Educommunication fields are consistent with each other, regarding the concern to take into account what young people have to say, considering the educational process their experiences and needs, taking young people as political subjects capable of performing and creative practices, modifying their understanding of microsocial realities and fighting for better working and life conditions, a fundamental aspect for the transformation of reality.

Keywords: Educommunication; Collective Health; Education; Drug Consumption.

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, os meios de comunicação alcançaram a função de praça pública por onde passam os debates das principais questões da sociedade. A cobertura midiática relacionada aos jovens e ao consumo de drogas está no centro das informações. O destaque fica por conta da alusão de que os jovens têm sido despertados para o consumo de drogas cada vez mais cedo, sendo a maior incidência e prevalência nas classes sociais “mais baixas”^{1; 2}.

Os objetivos deste trabalho são problematizar a educação sobre drogas direcionada aos jovens pela mídia e propor transformações na direção da participação efetiva dos jovens no desenho de programas de mídia que discutam as drogas, a partir

dos marcos teórico-metodológicos da Saúde Coletiva e de estratégias da Educomunicação.

A mídia impressa, quando aborda os problemas relacionados ao consumo de drogas, majoritariamente se pauta em repertório afinado com a ideologia da “guerra às drogas”, associando a experimentação da droga à “escalada”, ou seja, a um caminho que vai do

Autor correspondente

Elda de Oliveira

Rua Wilson Nahra, 62, apto 13.

São Paulo, SP – CEP: 04313-090

Email : eldadeoliveira@gmail.com

Artigo encaminhado 17/04/2013

Aceito para publicação em 19/05/2013

consumo das chamadas “drogas leves” para o inevitável uso das chamadas “drogas mais perigosas ou pesadas”³. Geralmente, esse fenômeno é compreendido na perspectiva médica ou da saúde pública, que coloca o consumo de psicoativos como doença^{4; 5; 6}.

Essa é a marca dos programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil, forjados nos cânones da guerra às drogas^{7, 8}.

A mídia que se destina aos jovens, como os programas de televisão e rádio, expõe diversos anúncios de bebidas alcoólicas e outros produtos a serem consumidos^{9, 10, 11}. Em contrapartida as mensagens “antidrogas” são veiculadas, sendo as “antitabaco” e as dos produtos farmacêuticos antitabaco as dominantes, em relação às demais drogas, que aparecem com menos frequência^{12; 10}. Majoritariamente, as mensagens “anti-bebidas alcoólicas” transmitem discursos que responsabilizam o indivíduo por suas escolhas e decisões e, em contraposição, desresponsabilizam o poder público e as empresas de bebidas alcoólicas pelos danos à saúde da população⁴.

Campanhas educativas parecem estar associadas a atitudes favoráveis dos jovens no sentido de reduzir o consumo de tabaco, bem como ao envolvimento dos pais em ações “antidrogas” na comunidade¹². Já em relação às drogas ilícitas, como a maconha, evidências sugerem que as campanhas não influenciam positivamente as atitudes dos jovens em relação ao consumo¹³.

O objetivo das campanhas é instruir crianças e adolescentes a rejeitar as drogas, principalmente as ilegais, e convencer usuários ocasionais a pararem o consumo totalmente. Há evidências de que as mensagens que não tiveram êxito veiculavam informações de senso comum, já conhecidas pelos jovens¹³.

A falta de êxito das campanhas é atribuída a: uso de linguagem inadequada ao público jovem, o que dificulta a compreensão das mensagens¹⁴; comercialização de produtos que veiculam mensagens opostas às campanhas educativas; baixo investimento para manter a campanha na mídia a fim de que se atinja a audiência a que se propõe; e também o poder das normas sociais em relação ao consumo, que legaliza algumas drogas, aprovando seu uso em diversas situações¹⁵.

Outro problema, as medidas de prevenção do consumo de drogas, inclusive as estipuladas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, não abordam a

internet¹⁶. Na rede mundial de computadores são encontrados *websites* que tanto glamorizam o consumo como objetivam prevenir. As soluções oferecidas às queixas sociais relativas ao fácil acesso dos jovens aos *websites* que incentivam o uso geralmente recaem sobre os pais e sobre os programas de prevenção, que, na opinião dos críticos, deveriam incluir informações aos jovens sobre as possíveis mensagens ambíguas que podem ser encontradas na internet^{17; 18}.

Notadamente, há um desafio dos meios de comunicação para planejar as informações e as mensagens direcionadas aos jovens considerando-os como sujeitos ativos capazes de contribuir para a solução dos problemas sociais. Igual desafio está em considerar na elaboração das mensagens os diferentes contextos sociais que cercam os jovens de classes sociais diferentes. Os jovens estão cercados por diferentes realidades e as mensagens transmitidas não estão tomando por base suas diferentes experiências^{19; 4}. Na maioria das vezes são mensagens universais que tomam o usuário de drogas como um ser caricato – carente, idiotizado, problemático – desqualificando-o²⁰.

As mensagens educativas, com frequência, caminham mais marcadamente no sentido de amedrontar do que no de informar e educar os jovens⁵. Geralmente, as mensagens são repressivas quando se abordam as substâncias ilícitas e passivas ou neutras quando se referem às substâncias lícitas. Ao mesmo tempo em que se condena o consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens, permite-se o estímulo ao álcool de maneira geral na mídia²¹.

Muitas informações oferecidas não são significativas para os jovens, pois estão longe de suas realidades¹⁹.

A problematização da bibliografia na área mostra que a educação sobre drogas direcionada aos jovens pela mídia é geralmente realizada sem a participação dos grupos a que se destinam, considerados audiências. Essa “educação” acompanha os cânones da guerra às drogas, ou seja, do paradigma dominante na área, que se caracteriza pela desconsideração dos jovens como sujeitos sociais e de direitos e por estratégias comportamentalistas, que são dogmáticas e aterrorizantes.

2. EDUCAÇÃO SOBRE DROGAS NA PERSPECTIVA DA SAÚDE COLETIVA E DA EDUCOMUNICAÇÃO.

Sob as diretrizes e pressupostos da Saúde Coletiva, que advoga o caráter histórico e social do processo saúde-doença, Soares²² propõe analisar o consumo de

drogas como fenômeno inter-relacionado, na condição de mercadoria, à estrutura e dinâmica do modo de produção capitalista.

Coerentemente a essa perspectiva, toma-se a pedagogia histórico-crítica, fundamentada na perspectiva dialética, como base para a construção de uma educação sobre drogas de caráter emancipatório, sob o pressuposto de que não há como compreender os processos sociais envolvidos no consumo de drogas ignorando o contexto histórico no qual se desenvolvem. Desse modo, os problemas que se apresentam para a prática educativa são investigados, analisados e compreendidos à luz da perspectiva histórico-crítica²².

Nesse sentido, o desafio que se coloca à educação é o de acionar mecanismos para que os jovens desenvolvam habilidades de captação e de compreensão da realidade que os circunda, e de suas relações com ela, não como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, e em processo. O ponto de partida para a compreensão dessa realidade é a contextualização da prática social que é comum tanto para o educador como para o educando^{23; 24}. Para que a educação assuma de fato o caráter emancipatório, na perspectiva da Saúde Coletiva, os meios de comunicação devem partir dos contextos sociais, levando em consideração a realidade dos jovens com quem deseja dialogar²².

Estudos com jovens realizados a partir da perspectiva teórica da Saúde Coletiva vêm mostrando que as necessidades de saúde são diferentes de acordo com a inserção social dos jovens²⁵ e que os valores sociais e os valores relacionados ao consumo de drogas também são diferentes²⁶. Tais achados direcionam o olhar da educação sobre drogas para indiscutivelmente tomar em consideração as diferentes realidades sociais dos jovens²².

A gama de estudos que aprofundam teoricamente as contribuições das práticas que aproximam Educação, Comunicação e outros campos das Ciências Sociais têm sido ampliados. São estudos que fazem leituras críticas dos meios de comunicação que retratam o mundo de maneira indiferente às realidades locais, propondo meios que busquem fortalecer a capacidade analítica dos sujeitos, como a produção coletiva, também chamada de Educação pelos Meios de Comunicação ou Educomunicação²⁷.

A Educomunicação supera as barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista que mantêm os tradicionais campos da Educação, Comunicação e Ciências Sociais isolados e

incomunicáveis. Ademais, a Educomunicação objetiva que o sujeito passivo, preso a uma relação vertical e unidirecional das informações, passe à condição de sujeito crítico, ativo, capaz de ressignificar as mensagens recebidas. Assim como abre espaços educativos a fim de que qualquer lugar se torne um espaço de aprendizado^{28; 29}.

Foram muitas as práticas educomunicacionais e seus representantes. Destacam-se aqui os pensadores que serviram de apoio para a construção da base teórica da Educomunicação - o filósofo e educador brasileiro Paulo Freire, o educador e comunicador argentino Mário Kaplún e o professor e jornalista brasileiro Ismar de Oliveira Soares.

A obra de Paulo Freire é vasta; conhecida nacional e internacionalmente, sua principal inovação é atribuída ao fato de tomar como base para a educação os processos comunicativos. Sua proposta educacional é pensada como ato político, de conhecimento e criação³⁰. Assim, o educador preconizou a emancipação da educação e do sujeito.

Freire se preocupava com os homens marginalizados, expectadores das normas sociais impostas, a elas submetidos e sem permissão de dialogar e tomar decisões. Quando lembrados serviriam de manipulação aos interesses da classe dominante. A partir daí, Freire postula a pedagogia libertadora e conscientizadora que convoca a práxis criativa e o educador participante. Logo, em sua proposta, torna-se necessário que os homens tomem a palavra e tragam assuntos relacionados às suas vivências e reconheçam a si próprios, no transcurso da discussão, como criadores da cultura. Assim, busca-se uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política³¹.

De acordo com Meditsch & Betti³² foi Kaplún quem primeiramente identificou a utilidade dos meios de comunicação para a educação, diálogo que até então não fluía. A comunicação era utilizada apenas como um veículo distribuidor dos conteúdos educacionais. Assim, partiu em busca dessa integração, ressaltando a rádio como um instrumento de educação popular, identificando seus gêneros e linguagens, perseguindo a comunicação e a educação participativa e interativa e antecipando o que temos hoje disponível, com outros meios de comunicação.

Falando do mesmo precursor da Educomunicação, Caracristi³³ enfatiza que Kaplún sempre preconizou a práxis nas produções midiáticas, valendo-se da dialética para propor a formação da consciência social, dado que partia do conhecimento global para chegar

ao local, motivando transformações e inovações na comunidade. Dessa forma contrapõe-se às grandes mídias, que geralmente transmitem doutrinas hegemônicas sem levar em consideração a qual público está se dirigindo, e ressalta a importância da formação da consciência crítica para que os sujeitos possam utilizar a rádio como um veículo capaz de dar visibilidade às suas carências.

Ismar de Oliveira Soares, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), detectou em sua trajetória profissional a inter-relação Comunicação/Educação apontando “a emergência de um novo campo – interdisciplinar e autônomo – de intervenção social então denominado Educomunicação”³⁴ (p.7). Esse campo incorpora princípios da pedagogia crítica e libertária, de Paulo Freire; herda práticas comunicativas e emancipatórias de movimentos sociais; e difunde o uso social e democrático da tecnologia de informação e comunicação contemporâneas³⁵.

Soares e os demais pesquisadores da ECA/USP buscaram a construção do referencial teórico-metodológico dos temas que emergem na interface Comunicação/Educação. Nesse percurso foi instaurado o primeiro curso nacional e internacional de Licenciatura em Educomunicação, aprovado pelo Conselho Universitário da Universidade de São Paulo, em 17 de novembro de 2009³⁶.

Assim, Soares define o conceito ressemantizado como³⁷ (p. 439):

(...) conjunto das ações inerentes ao planejamento e avaliação de processos, programas e produtos de comunicação implementados com intencionalidade educativa, destinado a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos abertos, criativos, sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática dos recursos da informação.

Nesse conjunto de ações reside “a expressão comunicativa através das artes, com a valorização do potencial criativo dos sujeitos e grupos sociais em suas práticas de intervenção social”³⁷ (p.6).

Nota-se que a Educomunicação possibilita que os sujeitos excluídos tomem a palavra e resgatem as manifestações do saber popular. Pode-se dizer que, da perspectiva de educação em saúde, apresenta potencial para produzir e divulgar informações, que instrumentalizem os grupos e as classes sociais para compreender os determinantes do processo saúde-

doença²². Dessa forma, se contrapõe aos meios de comunicação que transmitem verticalmente mensagens a grupos provenientes de diferentes contextos sociais, e a forças ideológicas hegemônicas, que não se pautam pelos mesmos interesses culturais e éticos defendidos pelos diferentes grupos sociais.

Assim como a educação emancipatória, processo educativo que vem sendo construído a partir do campo da Saúde Coletiva^{38, 39, 40, 41, 42} este trabalho considera que a Educomunicação pode oferecer as ferramentas para que se aborde o consumo de drogas na mídia de maneira mais crítica e abrangente, relacionando-se os aspectos da micro aos da macroestrutura social, como advoga Soares²². Trata-se de instrumental coerente com a perspectiva da Saúde Coletiva que toma os jovens como sujeitos políticos, capazes de compreender e oferecer respostas diferentes daquelas hegemonicamente construídas²².

Analisar o fenômeno consumo de drogas sob a perspectiva da Saúde Coletiva significa partir dos contextos específicos dos jovens para compreender as diversas dimensões que estão em jogo no processo do consumo atual de drogas e agir sobre elas através de políticas públicas e de transformações sociais mais amplas. Para tanto, é preciso que os jovens sejam chamados a participar tanto do processo de compreensão quanto da criação de políticas públicas que ofereçam condições de mudanças²⁰.

A problematização da bibliografia e das teorias que conformam a discussão na área levantam as seguintes questões:

- ✓ Quais são as críticas que os jovens fazem sobre consumo de drogas na contemporaneidade?
- ✓ Quais são os discursos que os jovens tornariam disponíveis na mídia sobre consumo de drogas na contemporaneidade? Ou que discursos comporiam a comunicação midiática?
- ✓ Quais são as características desse discurso que se relacionam com a classe social a que pertencem e ao contexto em que vivem? Ou como os jovens identificam sua problemática social na comunicação midiática?
- ✓ Como a atuação dos jovens na rádio comunitária poderá ajudar a modificar os discursos hegemônicos produzidos? Porque a plataforma rádio comunitária e radioweb foram escolhidas?

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O marco teórico de referência nesta problematização considera os fundamentos da Saúde Coletiva e agrega estratégias da Educomunicação, considerados campos de convergência. A problematização foi realizada através da bibliografia na área, que, como nas demais áreas que atuam na educação/prevenção de drogas, acena na direção do dogmatismo e terrorismo.

A Saúde Coletiva e a Educomunicação são campos coerentes entre si no que tange à preocupação de tomar em consideração o que os jovens têm a dizer, considerando no processo educativo suas experiências e necessidades, tomando os jovens, portanto como sujeitos políticos capazes de realizar práticas criativas e de transformar sua compreensão das realidades microsociais e na luta por melhores condições de trabalho e vida, condição fundamental para a transformação da realidade.

Para que a linguagem, os problemas e necessidades dos jovens sejam efetivamente tomados em consideração nas mensagens da mídia os jovens devem ser chamados a participar das programações midiáticas desde o planejamento das ações, partindo-se dos contextos locais próximos às suas realidades, que são distintas de acordo com a classe social a que pertencem.

REFERÊNCIAS

1. The American Academy of Pediatrics. Policy statement — alcohol use by youth and adolescents: a pediatric concern. *Pediatrics* 2010; 125(4): 1078-87.
2. Segal M, et al. Prevention objectives for alcohol and drug misuse: progress report. *Public Health Rep* 1983; 98(5): 426-35.
3. Ribeiro TW, Pergher NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público *Psicol Reflex Crit* 1983; 11(3): 421-30.
4. Fátima B, Coelho EBS, Lindner SR. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas. *Ciênc Saúde Col* 2009; 14(1): 267-73.
5. Falcão ICL, Rangel-S ML. Controle sanitário da propaganda de bebidas alcoólicas no Brasil: estudo dos projetos de lei de 1988 a 2004. *Ciênc Saúde Col* 2010; 15(Supl. 3): 3433-42.
6. Romera L. Drogas e mídia: influências no lazer da juventude. *Licere* 2009; 12(3): 1-18. Disponível em: http://www.anima.eefd.ufri.br/licere/pdf/licereV12N03_ar4.pdf. Acesso em 15.09.2011
7. Soares CB, Jacob PR. Adolescentes, drogas e AIDS: avaliação de um programa de prevenção escolar. *Cad Pesqui* 2000; 109: 213-37.
8. Canoletti B, Soares CB. Drug consumption prevention programs in Brazil: analysis of the scientific production from 1991 to 2001. *Interface Comunic Saúde Educ* 2005; 9(16): 115-29.
9. Centers for Disease Control and Prevention. Youth exposure to alcohol advertising on radio -United States, June/Aug. 2004. *Morb Mortal Wkly Rep* 2006; 55(34): 937-40.
10. Suzuki S, Itano D, Yamamoto LG. Prime-time television exposure to high priority school-aged social-developmental. *Hawaii Med J* 2008; (67): 74-5.
11. Almeida Filho AJ, et al. O adolescente e as drogas: conseqüências para a saúde. *Esc Anna Nery* 2007; 11(4): 605-10.
12. Emery S, et al. Televised state-sponsored antitobacco advertising and youth smoking beliefs and behavior in the United States, 1999-2000. *Arch Pediatr Adolesc Med* 2005; 159(7): 639-45.
13. Hornik R, Jacobsohn L. The best laid plans: disappointments of the national youth anti-drug media campaign. *LDI Issue Brief* 2008; 14(2): 1-4.
14. Gálvez RO, Casanova MJV, Molina AL. Medios y salud pública: la voz de los adolescentes. *Invest Desarro* 2003; 11(2): 210-237.
15. Wakefield MA, Loken B, Hornik RC. Use of mass media campaigns to change health behaviour. *Lancet* 2010; 376(9748): 1261-71.
16. Veronese JRP, Silva RL. O acesso à cultura, informação e entretenimento e as medidas de prevenção previstas no estatuto da criança e do adolescente. *Rev Sequência* 2009; 30(59): 299-326.
17. Wax PM. Just a click away: recreational drug web sites on the internet. *Pediatrics* 2002; 109(6): e96.
18. Belenko S, et al. Online illegal drug use information: an exploratory analysis of drug-related website viewing by adolescents. *J Health Commun* 2009; 14(7): 612-30.
19. Montaya ID, Trevino RA, Atabadi AN. O impacto da mídia da campanha pública sobre os usuários de drogas. *Marketing Health Services* 1997; 17(4): 20-7.
20. Soares CB (Tese). Adolescentes drogas e AIDS: avaliando a prevenção e levantando necessidades. Faculdade de Educação/USP, São Paulo. 1997.
21. Cavalcante MBPT, Alves MDS, Barroso MGT. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. *Esc Anna Nery Revenferm* 2008; 12(3): 555-9.
22. Soares CB (Livre Docência). Consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção na perspectiva da saúde coletiva. Escola de Enfermagem/USP, São Paulo. 2007.
23. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.
24. Saviani D. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. Campinas: Autores associados. 2003.
25. Soares CB, Ávila LK, Salvetti MG. Necessidades (de saúde) de adolescentes do D.A. Raposo Tavares, SP, referidas à família, escola e bairro. *Rev Bras Cresc Desenv Hum* 2000; 10 (2): 19-34.
26. Lachtim SAF, Soares CB. Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste? *Rev Bras Enferm* 2009; 62(2): 179-86.
27. Lima GL (Tese). Educação pelos meios de comunicação: Produção coletiva de comunicação na perspectiva da Educomunicação. Faculdade de Educação/USP, São Paulo. 2009.
28. Soares IO. Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social – O caso dos Estados Unidos. *Eccos Rev Cient Uninove* 2000; 2(2): 61-80.
29. Tavares Junior R (Dissertação). Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom. rádio Escola de Comunicações e Artes/USP, São Paulo. 2007.
30. Gohn MGM. Paulo Freire e a formação de sujeitos sociopolíticos. *Caderno de Pesquisa Pensamento Educacional* 2009; 4(8): 4-20.
31. Freire P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.
32. Meditsch E, Betti JG. Mario Kaplún: teoria e técnica radiofônica a serviço da emancipação latinoamericana. In: XXXI Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercon; 2008. 2-6; Natal: INTERCON; 2008.
33. Caracristi MFA. As idéias de “Mario Kaplún: fenômeno latino da comunicação educativa”. *PCLA*; 2000. Disponível em:

<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista4/perfis%204-2.htm#4>. Acesso em: 10 out 2011.

34. Soares IO. A ECA/USP e a Educomunicação: consolidação de um conceito, em dezoito anos de trabalho. *Comunic Edu* 2007; 12(2): 7-12.
35. Almeida AF, Soares IO. Mediador educacional. *Anuário Unesco Metodista de Comunicação Regional* 2010; 14(14): 67-78.
36. Soares IO. A contribuição da revista *Comunicação & Educação* para a criação da licenciatura em Educomunicação. *Comunic Edu* 2009; 14(3): 7-17.
37. Soares IO. Quando o educador do ano é um educador: o papel da USP na legitimação do conceito. *Comunic Edu* 2008; 13(3): 39-52.
38. Soares CB, et al. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva. *Interface Comunic, Saúde Educ* 2009; 13(28): 189-99.
39. Soares CB, et al. Avaliação de ações educativas sobre consumo de drogas e juventude: a práxis no trabalho e na vida. *Trab Educ Saúde* 2011; 9(1): 41-60.
40. Reis AM (Dissertação). O sentimento do movimento estudantil contemporâneo pela voz dos estudantes da saúde. *Escola de Enfermagem/USP*. 2007.
41. Almeida AH, Trapé CA, Soares CB. Educação em Saúde no trabalho de enfermagem. In: Soares CB, Campos CMS (org.). *Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem*. São Paulo: Manole; 2013. p. 293-322.
42. Soares CB, Campos CMS. A responsabilidade da universidade pública no ensino da prevenção do uso prejudicial de drogas. *Mundo Saúde* 2004; 28(1): 110-5.